

GEOGRAFIA: DO SILÊNCIO AO GRITO NECESSÁRIO*

Tulio BARBOSA

Linha de Pesquisa: Teoria e Método em Geografia

Nível: Doutorado

A dicotomia Geografia Física e Geografia Humana enquadra-se nos moldes positivistas de se pensar e fazer ciência, tal direcionamento científico limita o entendimento da complexidade do/no mundo e dos seus respectivos processos e resultados espaciais, temporais, culturais, sociais, ambientais, políticos e econômicos. A divisão da Geografia em Física e Humana impõe limites ao desenvolvimento da própria ciência geográfica, já que há, segundo Ruy Moreira, um engessamento nas categorias e nos conceitos geográficos.

Para compreendermos tal engessamento teórico-metodológico na Geografia (enquanto dicotômica) precisamos entender o significado de fazer ciência. Para Foucault (Arqueologia do Saber) a ciência é a representação de um período, de um pensamento dominante que busca somente aquilo que se relaciona com os interesses de um espírito que domina (na contemporaneidade entendemos grupos políticos-econômicos dominantes) e que é reforçado pelo discurso contínuo sobre os outros, neste sentido, Barthes trata o discurso como a extensão de uma verdade e teme pela reprodução discursiva não crítica. Esta reprodução dos discursos permeou a Geografia por muitas décadas; assim, as categorias, os conceitos e teorias atrelaram-se ao pensamento dos grupos sociais e econômicos dominantes. Weber na sua obra “Economia e Sociedade” entendeu que a sociedade é construída pela burocratização dos discursos e que os mesmos produzem relações sociais e econômicas rígidas e direcionadas para a manutenção do status quo. Daí a importância do pensamento científico ser construído em bases teóricas-metodológicas que compreenda o movimento da totalidade, como escreveu M. Santos (A natureza do espaço).

Para ir além dos discursos científico não críticos e da fragmentação da realidade a Geografia precisou construir uma nova realidade epistemológica e superar paradigmas, para isso repensar o método foi o ponto fundamental para a Geografia pós-1970. Para Sartre (A crítica da razão dialética) o método é uma arma social, uma vez que através do mesmo a construção da percepção do real poderá ser alterada. As diferenças do método não se situam apenas em métodos antagônicos (positivismo versus fenomenologia, materialismo histórico-dialético versus estruturalismo, etc...), mas também com métodos com a mesma base teórica; assim, temos Lênin, Stálin e Gorbachev na mesma base do materialismo dialético, todavia suas concepções particulares do método proporcionaram mudanças estruturais no espaço soviético. Portanto, a relação do método para a Geografia com a realidade é o ponto central para a subtração da dicotomia física-humana que leva a contradição da própria Geografia quanto ao entendimento da realidade enquanto totalidade. Para M. Santos, influenciado por Sartre, a realidade relaciona-se com o espaço e com o tempo imbricados numa lógica definida pelas ações e valores humanos. Neste sentido, podemos compreender a realidade como uma somatória de instantes, já que segundo Nietzsche o movimento do mundo são os contínuos instantes, em sua outra obra (Gaia Ciência) Nietzsche deixa isso mais claro ao afirmar que o conhecimento do mundo depende daqueles que conseguem verificar os momentos em que o mundo é momento.

Desde a Cosmografia de Humboldt houve uma preocupação em integrar os elementos orgânicos e inorgânicos numa realidade total e as especificidades no espaço-tempo eram agrupadas num organicismo natural. Humboldt nunca direcionou seus estudos para os aspectos geológicos, geomorfológicos, climatológicos com a intenção de dicotomizar suas pesquisas, preferiu se aprofundar na temática física, porém nunca esqueceu dos aspectos humanos, para tanto basta

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos Específicos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, em julho de 2007.

enumerarmos seus estudos gerais nos Estados Unidos da América e nas Américas Central e do Sul, nos quais o homem fazia parte do todo, da realidade trabalhada.

Segundo Capel a preocupação científica de Humboldt era a classificação do cosmo dentro de uma organicidade, portanto, os primórdios da Geografia Moderna não foram estruturados em bases dicotômicas, como também afirmou Claval. E nem Ritter ou Ratzel produziram obras que possibilitassem uma discussão teórica à partir da dicotomia geográfica. Mesmo Ritter privilegiando em seus estudos aspectos antropocêntricos, nunca abandonou a relação sociedade-natureza, uma vez que o mesmo direcionava o comportamento humano na transformação da natureza, todavia a natureza não era passiva e disponível para o uso humano, ela resistia (conforme Ritter) sempre as investidas humanas. Ritter, segundo Claval, superou o paradigma da organicidade romântica germânica resultando no advento de uma Geografia com capacidade teórica para compreender a totalidade do mundo, óbvio com limites, porém ousado para aquele momento. Para Ritter as transformações espaciais seguiam uma lógica humana adaptada às estruturas físicas disponíveis.

Outro geógrafo que é pouco compreendido é F. Ratzel, pois o mesmo não procurou simplesmente demonstrar diferenças sócio-espaciais à partir da vocação geofísica de uma região, já que o mesmo fomentou as bases teóricas para uma dialética sócio-espacial, ou seja, por meio de seus estudos apontou uma série de dependências que o homem tem com a natureza; assim, alertou a necessidade de um equilíbrio sócio-ambiental, visto que o oposto disto poderia causar sérios problemas para o homem, portanto, ao fitarmos na atualidade os problemas ambientais e sociais temos noção da preocupação ratzeliana. Posteriormente, parte do pensamento de Ratzel influenciou J. Brunhes e M. Sorre, uma vez que ambos investigaram os limites da atuação do homem na natureza.

Já para La Blache o homem modificaria a natureza conforme suas necessidades construtivas e o equilíbrio existiria ritmo da ação humana. Para La Blache a natureza permite ao homem ser transformada e direcionada. Deste modo, a distância entre o homem e a natureza (pré-criada) aumenta significativamente, isto apontou a evidência de uma Geografia Humana preocupada em dominar a Geografia Física.

Hettner com seu clássico estudo sobre as cordilheiras de Bogotá iniciou uma tradição dentro da Geografia: os estudos de casos, os quais contribuíram para a dicotomização geográfica, pois os estudos de casos levaram às especificidades regionais caracterizadas conforme suas “aptidões” físicas e sua população. Todavia, o estudo da população (em geral), conforme P. George e R. Moreira, eram apenas estatísticos e não apontavam elementos com capacidade para revelar a realidade local dentro da totalidade.

Hartshorne, “discípulo de Hettner, avança nos estudos regionais e relaciona o local ao geral (total) e dialeticamente coloca os elementos humanos dentro de uma lógica natural ao mesmo tempo em que os elementos naturais são analisados numa lógica humana – novamente há uma “reunificação” da Geografia Física e Geografia Humana.

Todavia, conforme, Foucault, o discurso científico sempre é substituído por um discurso relacionado a realidade dominante; assim, quando parecia que a Geografia tinha encontrado uma base teórica-metodológica que possibilitasse o fim da dicotomia física-humana, surgiu, a Geografia Teorética-Quantitativista (ou Quantitativa).

A base teórica-metodológica da Geografia Teorética vincula-se aos interesses capitalistas expansionistas dentro da lógica bélica no conflito Estados Unidos (capitalista) e União Soviética (socialista). Deste modo, a expansão do método neo-positivista no mundo ocidental vincula-se diretamente a tentativa do aperfeiçoamento técnico-científico-informacional, conforme escreveu M. Santos. Portanto, a Geografia foi dicotomizada e silenciada por uma nova era tecnológica, como apontou Lacoste e Quaini. A Geografia, portanto, inferiorizada diante da matematização científica, foi silenciada e ignoraram todas as suas concepções teóricas e impuseram pelo discurso uma Geografia atrelada aos interesses do capitalismo, isto é, a quantificação do mundo pelos métodos e modelos (geossistemas) demonstraram que, naquele momento, o estudo do espaço era funcionalista.

Na década de 1970 os movimentos alternativos e de esquerda se espalharam pelo mundo, bem como os intelectuais tiveram uma postura diferente diante dos problemas mundiais e geógrafos

como P. George, Lacoste, Quaini, Claval, M. Santos, R. Moreira e outros que tiveram uma participação decisiva na mudança paradigmática, não apenas quanto a Geografia, também quanto as ciências humanas em geral. Até mesmo David Harvey que era um dos pensadores da Geografia Teorética, entendeu que a hierarquização e a quantificação (por si) do mundo não explica a realidade enquanto totalidade.

Neste momento, autores até então esquecidos são retomados, tais como Marx, Engels, Lênin, Reclus, Gramsci e Trotski. Deste modo, a Geografia tem um novo direcionamento teórico, capaz de compreender a realidade. Todavia, a realidade da Geografia Crítica não permitiu o aprofundamento no indivíduo já que há uma interdependência entre a natureza, a sociedade e o indivíduo. Neste sentido, a Geografia Humanista buscou elementos psicológicos e culturais capazes de compreender o indivíduo no mundo, para isso foi buscar autores como Lévi-Strauss, Heidegger, Sartre e outros, porém abandonou os aspectos físicos e até mesmo o econômico.

Na atualidade a Geografia passa por um momento perigoso, já que os “modismos” teóricos são colocados em prática por muitos autores que desconhecem a crítica epistemológica e gnosiológica e trabalham com conceitos, categorias e teorias de forma superficial e pouco pertinente. Urge, portanto, uma Geografia única, capaz de compreender a representação do mundo ao mesmo tempo em que fita o indivíduo como um ser espacializado e temporalizado dentro de paradigmas civilizatórios que fizeram e fazem a massificação do conhecimento, do mundo e dos indivíduos.

Para Marx em “O 18 de Brumário...” o homem precisa tirar de suas costas o peso inexorável do passado e construir uma nova realidade. Quanto a Geografia por fim à dicotomia é apenas o início de uma longa revisão teórica e epistemológica.